

Editorial

O GOLPE
TURCO

Golpes executados por militares não são novidade na Turquia. Na última sexta-feira, eles tentaram o oitavo desde a fundação da República, em 1923, por Ataturk. O último deles tinha ocorrido em 1997.

O presidente turco conseguiu controlar a rebelião conclamando a população a ir para as ruas. Morreram 265 pessoas, sendo 104 militares golpistas. O governo anunciou a prisão de mais de 6.000 opositores.

A Turquia se diz uma democracia nos moldes ocidentais, por interesse de ingressar na União Europeia. Mas na realidade é um Estado autoritário, tutelado pelas Forças Armadas. O Estado não existe sem elas.

A República é frágil, institucionalmente. O Estado foi construído por meio da perseguição às minorias, pela adoção do alfabeto latino e pela imposição do calendário cristão à população majoritariamente muçulmana.

O Estado é laico, mas as mesquitas vivem superlotadas. Os golpistas defendiam a tradição secular do país. Esperto, o presidente Erdogan acusou o clérigo Gulen, exilado nos Estados Unidos, de inspirar o golpe.

Gulen nega. Seu movimento é religioso e acredita que pode resolver qualquer problema criado pela modernidade. Erdogan trata de eleger um bode expiatório para continuar a ter o apoio das Forças Armadas.

Não é improvável que outros golpes ocorram. Mas agora, que conseguiu abafar esse, o presidente turco poderá impor um regime ainda mais duro ao país. Ele pede o restabelecimento da pena de morte.

Situada estrategicamente com um pé na Europa e outro na Ásia, a Turquia é membro destacado da Otan. O país está em conflito com os separatistas curdos e envolvido, na Síria, no combate a Assad e ao Estado Islâmico.

Por isso, é alvo frequente de atentados. O último, em 28 de junho, no aeroporto de Istambul, matou 44 pessoas. Tantos problemas, mais o dos imigrantes, parecem ser um antídoto para a falta de democracia.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

DIRETOR DA FIESP DEVE MAIS DE R\$ 6 BILHÕES AO GOVERNO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica
fatimaoliveira@ig.com.brO racismo é impedimento à
santificação de negros no Brasil

O povo canoniza, mas o Vaticano não reconhece a santidade

Estou virando santeira, restrita a santas e santos negros, que o povo canonizou, a quem o Vaticano não reconhece a santidade; todavia, não se recusa a ganhar rios de dinheiros em nome deles.

A supremacia numérica dos santos brancos é asfixiante num mundo que tem o branco como padrão, até para a santidade! Há pessoas negras que, embora as declarações de “milagres” sejam exuberantes e confirmadas pela fé e pela devoção popular, não são reconhecidas pela Santa Sé como santas! O catolicismo popular é uma coisa, e o oficial, outra, não apenas no Brasil, onde as nuances de racismo são explícitas sobre a santidade negra, o que despertou minha atenção.

Caso da beata Nhá Chica (1810-1895), mineira de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, que foi para Baependi (MG) ainda criança. Era negra, e a imagem dela para a beatificação foi embranquecida. Fui averiguar se ela era negra. Era! (“Nhá Chica é uma santa negra que nasceu escrava?”, **O TEMPO**, 14.5.2013; e “A santa Nhá Chica é uma mestiça descendente do estupro colonial”, **O TEMPO**, 30.7.2013).

Em Baependi, há uma fábrica de dinheiro, o Santuário da Imaculada Conceição, que engloba a igreja de Nhá Chica (onde ela está sepultada), a casa e o Memorial de Nhá Chica – feitos com o dinheiro dela, que não era pobre, apenas praticava a simplicidade voluntária!

Há a Irmã Benigna Victima de Jesus (1907-1981), mineira de Diamantina, negra que comeu o “pão que o diabo amassou” nas mãos das freirinhas brancas da congregação Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade. Hoje é consi-

derada santa – o processo de beatificação está no Vaticano desde 26.1.2013.

Na senda da santidade negra, lembrei São Raimundo Nonato dos Mulundus, vaqueiro preto escravo, sobre o qual há um capítulo em meu romance “Então, Deixa Chover” (Mazza Edições, 2013); e escrevi “Mistérios e farsas sobre São Raimundo Nonato dos Mulundus” (**O TEMPO**, 12.7.2016). Não há processo de beatificação do santo vaqueiro, pois não é do interesse da arquidiocese encaminhar!

Não descobri o ano de sua morte. Em 1858, já era rezada a novena, e havia uma

O catolicismo popular é uma coisa, e o oficial, outra, não apenas no Brasil, onde as nuances de racismo são explícitas sobre a santidade negra

capela de palha para o santo vaqueiro, a partir da qual foi erguido o Santuário de São Raimundo Nonato dos Mulundus, de rara beleza; e entre 1901 e 1908, o padre Custódio José da Silva Santos, de Vargem Grande, celebrava a festa em Mulundus.

Escreveu a professora Dolores Mesquita: “Apesar do abandono em que vive, o altar onde celebram as solenidades religiosas permanece firme, sendo resistente ao sol e à chuva; diz o povo que não cai porque São Raimundo protege aquele santo lugar”.

As perseguições do oficialato católico ao santo vaqueiro beiram a insanidade e a ganância. A arquidiocese de São Luís, em 1930, declarou o festejo profano! Em

1954, o arcebispo dom José Delgado, acoitado pela polícia, “mudou”, como se fosse dono de uma obra popular, o Santuário de Mulundus para Vargem Grande, dando-lhe novo nome: Santuário de São Raimundo Nonato, bispo espanhol da ordem dos mercedários (1204-1240), santificado! Os romeiros não arredaram de Mulundus!

A arquidiocese decidiu disputar com Mulundus e dividir a fé do povo: “Comprou 180 hectares da fazenda Paulica, a 7 km de Vargem Grande, e fez uma capela para onde os romeiros em procissão conduzem a imagem de São Raimundo Nonato (o bispo espanhol) no dia 22 e a trazem de volta para a igreja no final do dia” (professora Dolores Mesquita).

Apelo ao governador do Maranhão, Flávio Dino, que restaure as ruínas do Santuário de São Raimundo Nonato de Mulundus, que é um patrimônio do povo negro do Maranhão, e o devolva ao povo!

